

## “SINAIS” “SOBRE O QUE VIDA RELIGIOSA ESTÁ CONVERSANDO PELO CAMINHO”

Élio Gasda sj.

... Não esperávamos que isso fosse acontecer... conosco (Lc 24, 13-24).

Logo após o Concílio Vaticano II, a vida religiosa desempenhou um papel importante no espaço eclesial e, em menor proporção, no espaço sociopolítico brasileiro e latino-americano. Nos últimos 15 ou 20 anos, porém, a identidade da vida religiosa vem sendo interpelada, seja pelas mudanças institucionais e eclesiais, seja pelas mudanças socioculturais. A alteração em seu dinamismo e seu vanguardismo e carisma profético-testemunhal é constatada por seus próprios membros: *O que poderia ter acontecido conosco?*

É verdade que tempos de mudança (ou mudança de época) questionam aquelas instituições com identidades mais solidificadas, histórica, eclesial e socialmente. Mas é justamente sua identidade - grande questão de fundo - que impede que a VR busque no comodismo e na mera adaptação aos tempos e ao “novo” as soluções para seus impasses e crises. Seu critério primordial é sua identidade. É importante situar este momento de encontro com as crises a partir dessa dimensão.

Desesperanças, desilusões, lutos, perdas: **Isso** não poderia ter acontecido conosco! Coloquemo-nos frente a frente com as crises - Encaremos as crises, deixemo-nos provocar por elas. Deixemo-nos questionar por elas. Queremos compreender as interpelações implícitas em cada uma. Por quê? Porque as crises dizem muito sobre nós mesmos, sobre nossa situação, nossas opções e eleições. Elas são uma espécie de termômetro. Verificam nossa temperatura, se **o calor do nosso corpo está próximo ou distante do ideal**. Medem nosso grau de distanciamento da temperatura ideal - nosso projeto de vida, nosso núcleo identitário deste corpo que é a VRC.

A história da vida religiosa está permeada de crises - sinal de que está viva e que sobrevive a elas. Por isso, as crises devem ser encaradas dentro de seu contexto. Muitas crises vividas na Igreja e na sociedade têm reflexos imediatos, diretos e indiretos nas instituições: Igreja, família, Congregações, etc.

Os sintomas da crise não são tão simples de diagnosticar. Diversas variáveis precisam ser levadas em conta. As crises não são todas iguais e não afetam a todos igualmente. Nem todas elas se aplicam a todo conjunto da vida religiosa. Há sintomas aqui, ali, acolá. Alguns sintomas da crise podem afetar mais a VR feminina, outras afetam mais a VR masculina. Algumas mais notadas na missão *ad gentes* não são as mesmas crises que afetam o apostolado educacional. A crise vivida na inserção nem sempre são semelhantes às crises sentidas na formação. A crise em contexto social urbana pode ser diversa da vivida no meio social rural. A variável da faixa etária também é importante. Algumas são mais intensas entre os jovens, outras são mais sentidas entre os veteranos.

Enfim, cada crise tem sua história, seu processo, seu contexto, seus protagonistas. São reais. Portanto, ver crises que não existem é ver fantasmas. Não inventemos as crises, crises imaginárias. Já temos crises suficientes para nos ocupar. Sejam realistas com aquelas que já temos. Há reflexos da crise em diversos âmbitos: institucional, sociocultural, eclesial-apostólico, crises inter-relacionadas, uma crise explica outra, uma crise gera outras crises... Por opção metodológica, as crises podem ser distribuídas em três espaços: Institucional, Eclesial, Sociocultural.

(Nota importante: a descrição que segue é uma síntese recolhida em diversos espaços da VR: atividades de formação, consultas, reuniões, Seminário Nacional de Itaiçá, etc.).

### ***Espaço institucional***

“Não esperávamos que isso fosse acontecer dentro de nossa casa”. “Qual modelo de casa” que construímos nesses anos todos? Encaremos as crises de nossa convivência no dia-dia dentro de nossa casa.

Fenômeno constatável de imediato: estamos mais envelhecidos. Vivemos a hegemonia da terceira idade. Menos pessoas sentem-se atraídas e provocadas pelo nosso estilo de vida. Fechamos noviciados e abrimos (ou ampliamos) casas de repouso e saúde para nossos idosos e idosas. Temos certa dificuldade de conviver, compreender e acolher como eles são. Simultaneamente à baixa taxa de adesão/ingresso, ocorre também um considerável número de abandonos e demissões. Mais envelhecidos, menos procurados, mais esvaziados...

Além de mais envelhecidos e reduzidos, nossas relações humanas estão mais espinhosas. Tensões interpessoais em profusão. A gentileza dá lugar à aspereza no trato com os de casa. Incapazes de dialogar sem provocar curtos circuitos. Como fomos incapazes de descuidar das relações humanas entre nós? O excessivo autocentramento nas obras nos endureceu? Acaso seriam relações comunitárias forçadas pelas circunstâncias, mas desprovidas do afeto? Cedemos demais ativismo a favor da engrenagem da obra, da instituição ou da atividade pastoral?

O projeto de uma VR como lugar privilegiado de convivência, partilha e equidade, aos poucos, foi cedendo ao individualismo. Atitudes de “In-solidariedade” *com os de casa* acendem o sinal vermelho: deixamos de cuidar do outro, de escutar e apoiar os atribulados/angustiados/tristes.

Como organizamos nossa casa: o aconteceu com a nossa forma de governo? A crise de autoridade não seria consequência de instituições cuja forma de governo estaria defasada para os tempos hodiernos? Haveria certo receio de abdicar de esquemas pré-fixados herdados do modelo europeu pré-moderno? Ou, talvez, atrelados à lógica hierárquica do modelo vertical/clerical da Igreja, acabamos reforçando o caráter personalista do exercício do poder? Isso fermenta o individualismo e a falta de colaboração.

Não esperávamos a defasagem dos nossos paradigmas de liderança. Os mesmos já não correspondem aos novos mecanismos de gestão vigentes na sociedade. Precisamos encarar esta crise e conversar sobre isso pelo caminho: não esperávamos que alguns dos nossos mecanismos de governo e coordenação estivessem funcionando aos trancos e barrancos. Simultaneamente aos vazios de liderança, há certa insatisfação com o jeito de governar. Sujeitos autônomos buscam maturidade psicológica/espiritual, se deparam na VR com uma autoridade que os infantiliza ao não lhes delegar responsabilidades, autoridade que não cede espaço aos novos protagonistas.

Formação integral: falta de investimento e, inclusive, um estranho desinteresse em oferecer uma formação espiritual e acadêmica sistemática e sólida. Como fomos capazes de deixar a formação em segundo plano? Por um lado, o distanciamento entre o que se oferece como formação e a vida cotidiana delata uma defasagem nos programas e estratégias de formação. Por outro, a formação de ótimas/os profissionais não consegue cultivar a paixão pela VR. As necessidades da instituição são mais urgentes que a formação? Seria a pressa em responder aos anseios e necessidades da missão?

Não esperávamos que a opção pelos pobres entrasse em crise. Essa é uma crise que precisa ser encarada com carinho. Os projetos de inserção em meios populares, grande aposta da VR, levados adiante mais por iniciativa própria de alguns do que como projeto da congregação, respira por aparelhos. Fomos vencidos pelo cansaço ou por incapacidade compreender o ritmo dos pobres, de estar como os pobres, tudo isso apesar do voto de pobreza? Ou seriam ventos restauracionistas pré-conciliares que empurram para opções mais intimistas que nos tiram das margens e das lutas sociais? O que resta do voto de pobreza, muralha da vida religiosa? O distanciamento da realidade e dos anseios dos pobres levou à relativização do voto? Ou vice-versa? Casas religiosas, antes austeras e despojadas, dão lugar à ostentação e conforto nem sempre condizente com a identificação com Cristo e a simplicidade evangélica. Não esperávamos que o aburguesamento da vida privada fosse acontecer conosco.

Os constantes contratempos nos põem em estado de luto quase permanente. Como permitimos que a VR deixasse de ser um lugar de transparência? Encaremos a crise ético-moral: assédio-moral, falta de transparência financeira, hipocrisia e falta de confiança na administração dos bens e do dinheiro são angustiantes.

### ***Espaço eclesial***

A Igreja, nossa casa. Perguntemos pelo lugar que ocupamos dentro dessa casa que é a Igreja Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito. Fundamentalmente, a crise nesse espaço pode ser sintetizada em três importantes sintomas:

A Igreja vive uma crise de credibilidade. A VR, como membro desta casa, também é atingida pela crise de credibilidade que atinge a Igreja. Se um membro do corpo sofre, é todo corpo que padece (cf. 1 Cor 12, 26).

Redução do espaço eclesial. Por um lado, a diminuição do espaço eclesial da VR deve-se à redução de seus quadros e ao envelhecimento. Por outro, muitos lugares eclesiais da VR estão sendo ocupados por outros sujeitos. Novas formas de vida cristã e novos movimentos eclesiais colocam em crise nosso estilo de vida e nossa presença eclesial. Descobrimos que aquele lugar e aquele ministério não era exclusividade da VR. Outros (as) batizados (as), discípulos (as) de Cristo podem perfeitamente ocupar e executar tal serviço eclesial. Tornamo-nos dispensáveis para muitas coisas dentro da organização desta casa que é a Igreja. Essa crise no espaço eclesial levanta a questão pelo lugar da vida religiosa na Igreja hoje.

VR engessada pela Instituição eclesial e sua hierarquia. Algumas atitudes e comportamentos do governo da Igreja emperram a liberdade, o avanço e a dimensão profética da VR. Não esperávamos que tendências mais conservadoras e centralizadoras e autoritárias assumissem postos importantes no governo da Igreja. As enormes dificuldades de relacionamento nos desgastaram, deixando um rastro de mágoa, desilusão e incompreensão de ambas as partes.

Presbíteros religiosos abraçam o neoclericalismo, o patriarcalismo e o autoritarismo vigente em muitas dioceses e paróquias. A identidade religiosa do religioso presbítero se confunde com o presbítero diocesano. Mas é a VR feminina, sem dúvida, que sofre os maiores impactos desse jeito piramidal de ser Igreja. Em situações de conflito com o bispo, o administrador ou pároco, são sempre elas obrigadas a ceder ou retirar-se da diocese ou da paróquia.

Novos ares no "governo da casa"? O papa Francisco iniciou seu pontificado expressando seu desejo e seu projeto eclesiológico aos jornalistas, que tinham feito a cobertura do Conclave: *"como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres"*.

### ***Espaços sociais***

A sociedade, nosso lugar.

Há crise de credibilidade da presença da VR na sociedade. No passado, a identidade como religiosa(o) era muito forte e muito mais visível na sociedade. Éramos religiosas(os) em primeiro lugar. A dimensão profissional era secundária e quase não havia pertença a outros grupos. Hoje temos possibilidade (e desejo) de múltiplas pertenças, o que enfraquece a pertença à família religiosa. Muitas vezes o espaço institucional da VR é apenas um suporte (logístico?) para cada uma realizar seu projeto de vida.

Mudança territorial: novas sensibilidades estão concentrando as forças humanas e os recursos materiais: Amazônia, África, periferias recônditas, minorias, refugiados, imigrantes, etc.

Estamos reduzidos: muitas obras sociais sem possibilidade de levar adiante segundo o carisma e o clamor social que vem dos pobres.

Não esperávamos que o espírito capitalista, o individualismo pessoal e institucional, e, às vezes, o atrelamento ao poder político e econômico invadissem nossas obras. Engessados e, de certa forma, "enquadrados" pelo mercado. Os colégios e universidades, por exemplo, têm enorme dificuldade para manter elementos de sua vocação original da educação cristã. Constata-se que a competitividade no mercado nos leva a priorizar a saúde financeira da instituição, levando inclusive à concorrência entre nossas próprias obras. A primazia quase hegemônica da lógica empresarial do mercado sobre a dimensão originária profética não é atraente.

Este fato, aliado à postura sedentária de nossas obras, já não responde às exigências atuais do carisma da VR que deseja justiça e respira profecia. Some-se a isso a sempre delicada e complexa questão financeira, que envolve a dimensão da justiça na administração do dinheiro e nas relações humanas e profissionais com as pessoas que trabalham conosco.

Competição entre as Congregações em diversos âmbitos impede parcerias e fomento de novas formas de solidariedade apostólica.

### **Encarar a crise de fundo**

Qual seria a grande crise? Aquela mais generalizada, que abala a saúde do corpo todo?

Não esperávamos um abatimento da Paixão pelo Reino. Desinteresse pelo cultivo da espiritualidade do seguimento, enquanto comunhão de vida, missão e destino com Jesus. Esse desalento dificulta encarar a crise com certa serenidade, para poder discernir e tomar decisões.

**Como permitimos deixar esmorecer a paixão pelo Reino? Como isso aconteceu? Como permitimos que outras paixões fossem crescendo e invadindo nossos espaços, nossa casa, mas, principalmente, o espaço de nosso coração?** O comodismo, o apego material, a adaptação ao aburguesamento da sociedade de consumo, vai minando os valores, a gratuidade, o serviço...

Não esperávamos que as novas redes de informação e conhecimento contribuíssem para a disseminação da cultura do individualismo e do hedonismo a ponto de influenciar o espaço da paixão, das formas de pensar e da ação.

Em suma, essa crise merece um destaque especial, se queremos estar em comunhão com toda a Igreja: *uma Igreja que dê testemunho do Reino de Deus* (Papa Francisco).